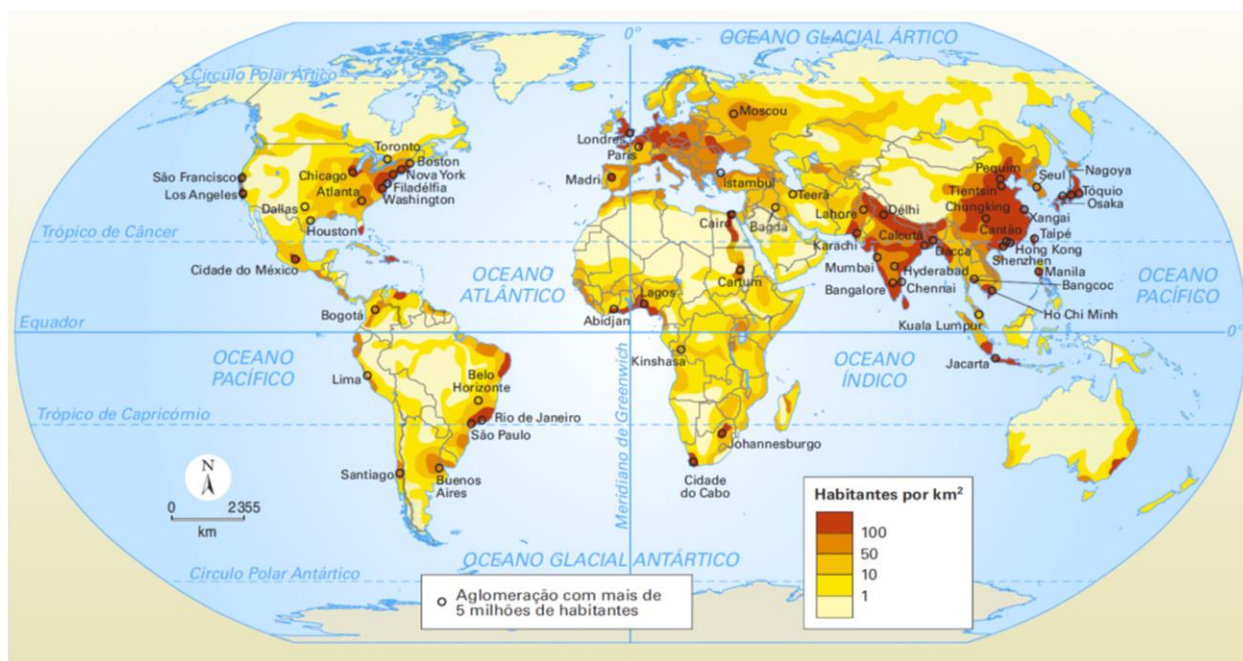


**A POPULAÇÃO DA TERRA: FATORES DO CRESCIMENTO E TEORIAS DEMOGRÁFICAS**

Outubro de 1999 a Terra passa a ter seis bilhões de habitantes. Em 2007 esse valor atingiu 6,6 bilhões de pessoas. Atualmente, segundo previsões, a Terra possui cerca de 7.589.249.168 habitantes. Para saber o número de habitantes da Terra nesse exato momento, acesse o site: <http://countrymeters.info/pt/World>

Segundo o Fundo De População Das Nações Unidas (UNFPA), em 2012, nosso planeta era habitado por mais de 7 bilhões de pessoas, distribuídas de maneira desigual pelos países e regiões. Observe no mapa que existem regiões com alta concentração de habitantes e outras em que a ocupação humana é muito esparsa.



Atualmente, a dinâmica demográfica da população é muito desigual entre os países. Nas economias desenvolvidas o crescimento demográfico é pequeno, sendo negativo em alguns casos; já nos países pobres e emergentes encontramos as mais variadas situações: há nações onde o elevado crescimento populacional compromete a busca do desenvolvimento sustentável, ao lado de outras onde a população tende a se estabilizar nas próximas décadas, como é o caso do Brasil.

Tabela de países, ordenados por população estimada - 2016.

	Nome do País	Habitantes (est. 2016)
1	República Popular da china	1.384.688.986
2	Índia	1.296.834.042
3	Estados unidos	329.256.465
4	Indonésia	262.787.403
5	Brasil (2016 - IBGE)	208.652.312
6	Paquistão	207.862.518
7	Nigéria	195.300.340
8	Bangladesh	159.453.001
9	Rússia	142.122.776
10	Japão	126.168.156

O rápido e intenso crescimento da população mundial tem despertado a comunidade internacional para as relações entre o desenvolvimento econômico, o crescimento populacional e os recursos naturais.

Fases de cresc.	Período	Pop. (milhões de hab.)	Tx. de cresc. anual %	Fatores de crescimento
1ª fase	Séc. IV AC até 1650	Não disponível	Não disponível	Crescimento lento. Alta natalidade. Alta mortalidade (epidemias, economia rural).
2ª fase	De 1650 até 1850	1200 *	0,53	Rápido crescimento: capitalismo comercial e industrial. Alta natalidade e redução da mortalidade.
3ª fase	De 1850 até 1945	2500	0,89	Crescimento acelerado. Natalidade alta e redução da mortalidade.
4ª fase	De 1950 até 1980	5250	1,6	Explosão demográfica. Êxodo rural. Alta natalidade e baixa mortalidade.
5ª fase	De 1980 até 2003	6314	1,0	Diminuição do crescimento demográfico. Diminuição da taxa de natalidade.

\* Obs. A China em 2000 já possuía uma população de 1.200.000.000

Desses 7,5 bilhões de pessoas, cerca de 75% vive em países pobres ou emergentes e com menos de dois dólares por dia, 22% são analfabetos e metade nunca utilizou um telefone. Nos países desenvolvidos, 64% dos cidadãos têm acesso à internet, enquanto na América Latina e no Caribe esse número cai para 24%; no Sul e Sudeste Asiático o índice é 14%, e na África subsaariana somente 4% da população tem acesso à rede mundial de comunicação.

As disparidades não são apenas essas. Nos países desenvolvidos, a esperança de vida é de 78 anos; nos países emergentes, 64; e nos subdesenvolvidos, 52 anos. No Brasil a expectativa de vida é de 75,5 anos, segundo o IBGE (dados de 2015). Tais diferenças se explicam pela deficiência ou pela completa falta de acesso à água potável, a uma alimentação adequada, a coleta e tratamento de esgoto, a condições adequadas de habitação e, principalmente, a bons programas de saúde que atendam toda população, incluindo campanhas de vacinação, hospitais e maternidades de qualidade, entre outros.

O total de habitantes de um lugar tem como principal fator de aumento o crescimento natural ou vegetativo, ou seja:

$$CV = \text{Natalidade} - \text{Mortalidade}$$

Além do CV, as migrações também influenciam no aumento populacional de uma região.

### O CRESCIMENTO VEGETATIVO PODE SER:

Positivo: Se o nº de nascimentos > nº de mortes

Negativo: Se o nº de nascimentos < nº de mortes

Nulo: Se o nº de nascimentos = nº de mortes

## **IDH – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO**

As taxas de natalidade, mortalidade, mortalidade infantil e a expectativa de vida são as variáveis que determinam o crescimento populacional.

A mortalidade infantil e a expectativa de vida, mais o grau de escolaridade e a renda per capita, entram na composição do IDH.

IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é um índice criado pela ONU para avaliar a qualidade de vida das nações. O IDH é a referência mundial para avaliar o desenvolvimento humano a longo prazo. O índice, que vai de 0 a 1, é feito a partir de três variáveis: vida longa e saudável, acesso ao conhecimento e um padrão de vida decente.

IDH + próximo de 1 = melhor qualidade de vida.

Ex. Noruega possui o IDH mais alto do mundo (0,949);

IDH + próximo de Zero = pior a qualidade de vida.

Ex. República Centro Africana, na África, possui o IDH mais baixo (0,352).

TABELA DO IDH DE 2016		
	PAÍS	IDH (2016)
1	Noruega	0,949
2	Austrália	0,939
2	Suíça	0,939
4	Alemanha	0,926
5	Dinamarca	0,925
5	Cingapura	0,925
7	Holanda	0,924
8	Irlanda	0,923
9	Islândia	0,921
10	Canadá	0,920
10	Estados Unidos	0,920
79	Brasil	0,754
188	República Centro Africana	0,352

FONTE: RELATÓRIO 2016 – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Compare a tabela do IDH com a próxima tabela, a dos países mais ricos do mundo e note que o fato de um país ser muito rico, não significa necessariamente que ele seja o mais desenvolvido.

OS PAÍSES MAIS RICOS DE 2015		
POSIÇÃO	PAÍS	PIB EM TRILHÕES DE DÓLARES
1º	Estados Unidos	US\$ 18,1
2º	China	US\$ 11,2
3º	Japão	US\$ 4,2
4º	Alemanha	US\$ 3,4
5º	Reino Unido*	US\$ 2,9
6º	França	US\$ 2,5
7º	Índia	US\$ 2,3
8º	Brasil	US\$ 1,9
9º	Itália	US\$ 1,8
10º	Canadá	US\$ 1,6

Fonte: Fundo Monetário Internacional - FMI

\*Inglaterra - Escócia - País De Gales - Irlanda Do Norte

A seguir duas tabelas com a Distribuição de renda no Brasil. A grande desigualdade social existente no país é um dos principais fatores do seu subdesenvolvimento.

DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NACIONAL EM 2005	
10% Mais Ricos	45,3 % Da Renda Nacional
40% Mais Pobres	11 % Da Renda Nacional

DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NACIONAL EM 2016	
10% Mais Ricos	40,5 % Da Renda Nacional
40% Mais Pobres	13,6 % Da Renda Nacional

Em 2016, as pessoas situadas na parcela de 1% dos maiores rendimentos recebiam, em média, R\$ 27.085,00 enquanto a metade de menor renda recebia R\$ 747,00 em um país cujo rendimento médio mensal foi de R\$ 2.149,00. Nesse mesmo ano, os 10% com maiores rendimentos concentravam 43,4% de toda a renda recebida no Brasil.

Já a elite da elite, o 1% mais rico, tem 27,8% da renda nacional no Brasil contra 21,7% na Índia, 16,8% na Argentina e 20,2% nos Estados Unidos e na Rússia

No Brasil, os seis maiores bilionários possuem a mesma riqueza e patrimônio que os 100 milhões de brasileiros mais pobres.

## **DIFERENÇAS DO AUMENTO POPULACIONAL ENTRE OS PAÍSES DESENVOLVIDOS E SUB-DESENVOLVIDOS**

Desenvolvidos - diminuição das taxas de mortalidade (melhoria nas condições de saneamento básico e a descoberta de vacinas e antibióticos) a partir do séc. XIX e redução das taxas de natalidade (métodos anticoncepcionais, a urbanização e a maior participação da mulher no mercado de trabalho).

Obs. A queda do crescimento demográfico nos países desenvolvidos trouxe um sério problema: *um encargo maior para a previdência social e a falta de mão-de-obra*;

Subdesenvolvidos - As reduções das taxas de crescimento demográfico começaram a baixar após a segunda metade do séc. XX: redução das taxas natalidade (processo de urbanização) e mortalidade (uso das melhorias médico-sanitárias).

Obs. Essas mudanças ocorreram em apenas alguns países (Argentina, Coréia do Sul, Brasil, México, etc.).

## **AS TEORIAS DEMOGRÁFICAS**

As teorias demográficas surgiram a partir dos muitos questionamentos a respeito do comportamento reprodutivo da população mundial, que resultaram em projeções sobre a quantidade de pessoas a habitar o planeta no futuro.

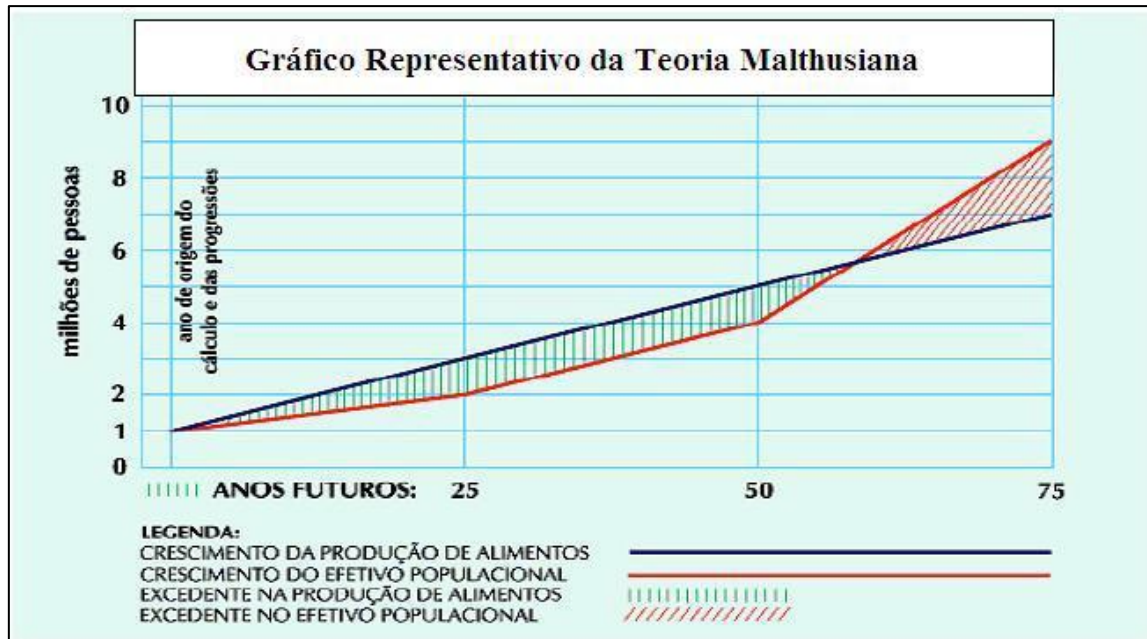
Inúmeras teorias foram elaboradas para tentar explicar o crescimento populacional. Dentre elas, é comum se destacarem três, que estão profundamente inter-relacionadas: *a malthusiana, a neomalthusiana e a reformista*.

### **TEORIA MALTHUSIANA**

A primeira discussão foi levantada pelo sacerdote anglicano Thomas Robert Malthus, em 1798, cujo trabalho alertou para as consequências do acelerado crescimento populacional e que este estaria diretamente relacionado com a pobreza vigente.

Os princípios fundamentais de sua teoria consistiam na hipótese de que a população cresceria em um ritmo rápido - progressão geométrica (1, 2, 4, 8...), enquanto que a produção de alimentos cresceria num ritmo mais lento - progressão aritmética (1, 2, 3, 4...). Isso significa que a população tenderia a crescer mais rápido do que produção de alimentos. Veja o gráfico abaixo.

Isso significa que a população tenderia a crescer mais rápido do que produção de alimentos. Veja o gráfico abaixo.



Fonte: <http://paradigmatrix.net/?p=62>

Segundo Malthus, se o crescimento populacional não fosse controlado, o planeta seria assolado por sérias crises de fome e distúrbios sociais. A chave do problema estaria na constatação de que *o grande número de filhos em famílias pobres seria o fator responsável pela miséria*. Malthus, que além de economista era pastor da Igreja anglicana, na época contrária aos métodos anti-concepcionais, propunha a abstinência sexual dos desfavorecidos e a geração de filhos proporcionalmente à renda e à disponibilidade de terras, no caso da população mais abastada.

O efeito demográfico nos moldes propostos por Malthus, obviamente, não apresentou os resultados esperados. Além disso, as estatísticas não confirmaram suas previsões apocalípticas. Os progressos da agricultura científica e a possibilidade de importar de outros países trigo e carne, em grandes quantidades, melhoraram sensivelmente os níveis de abastecimento e alimentação. *O que ocorre na realidade é uma grande concentração de alimentos nos países ricos e uma má distribuição de alimentos nos países pobres.*

## TEORIA NEOMALTHUSIANA

Em 1945, com o término da Segunda Guerra, foi realizada a Conferência de São Francisco (Estados Unidos), na qual foram discutidas estratégias de desenvolvimento para evitar a eclosão de um novo conflito militar em escala mundial. Havia apenas um ponto de consenso entre os participantes: a paz depende da harmonia entre os povos e, portanto, da diminuição das desigualdades econômicas no planeta. Assim sendo, como explicar e, mais difícil ainda, enfrentar a questão da miséria nos países pobres, na época chamados de subdesenvolvidos?

Esses países buscaram identificar a raiz de seus problemas na colonização de exploração realizada em seus territórios e na desigualdade das relações comerciais que caracterizaram o colonialismo e o imperialismo. Por isso, passaram a propor amplas reformas nas relações econômicas, em escala planetária, que diminuiriam as vantagens comerciais e, portanto, o fluxo de capitais e a evasão de divisas dos países subdesenvolvidos em direção aos desenvolvidos.

Nesse contexto histórico, foi formulada a teoria demográfica neomalthusiana, uma tentativa de explicar a ocorrência da fome e do atraso em muitos países. Essa teoria era defendida por setores das sociedades e dos governos dos países desenvolvidos – e por alguns setores dos países em desenvolvimento – com o intuito de se esquivarem das questões socioeconômicas centrais.

Segundo essa teoria, uma numerosa população jovem, resultante das elevadas taxas de natalidade que eram verificadas em quase todos os países pobres, necessitaria de grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, sobrariam menos recursos para serem investidos em infraestrutura e nos setores agrícola e industrial, o que impediria o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, conseqüentemente, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda *per capita* e a disponibilidade de capital a ser utilizado pelos agentes econômicos.

Verifica-se que essa teoria, embora com postulados diferentes daqueles utilizados por Malthus, chega à mesma conclusão: *o crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da pobreza*. Seus defensores passaram a propor, então, programas de controle de natalidade nos países em desenvolvimento mediante a disseminação de métodos anticoncepcionais. Era uma tentativa de enfrentar problemas socioeconômicos com programas de controle da natalidade e de acobertar os efeitos danosos dos baixos salários e das péssimas condições de vida – serviços de educação e saúde precários – que vigoram naqueles países, com base apenas em uma argumentação demográfica. Além do mais, afirmar que, naquela época, os países subdesenvolvidos desperdiçavam em investimentos sociais um dinheiro que deveria ser destinado ao setor produtivo é uma conclusão bastante simplista. Alguns países, como a Alemanha (onde foi implantado o primeiro sistema educacional do mundo, no início do século XIX), o Japão (onde a contribuição da educação foi decisiva para a rápida recuperação após a Segunda Guerra) e, mais recentemente a Coreia do Sul (que atualmente passou a ser considerada um país desenvolvido), entre outros, evidenciam que investimentos sociais, especialmente em educação, são um poderoso motor do desenvolvimento econômico.

Nesse contexto, acrescentamos uma contradição neomalthusiana: propõe-se controlar o número de nascimentos nos países mais pobres - africanos, asiáticos e latino-americanos, enquanto que nos países desenvolvidos – extremamente consumistas – há campanhas de incentivo ao aumento da natalidade, inclusive com subsídios financeiros de governos locais.

## **TEORIA REFORMISTA**

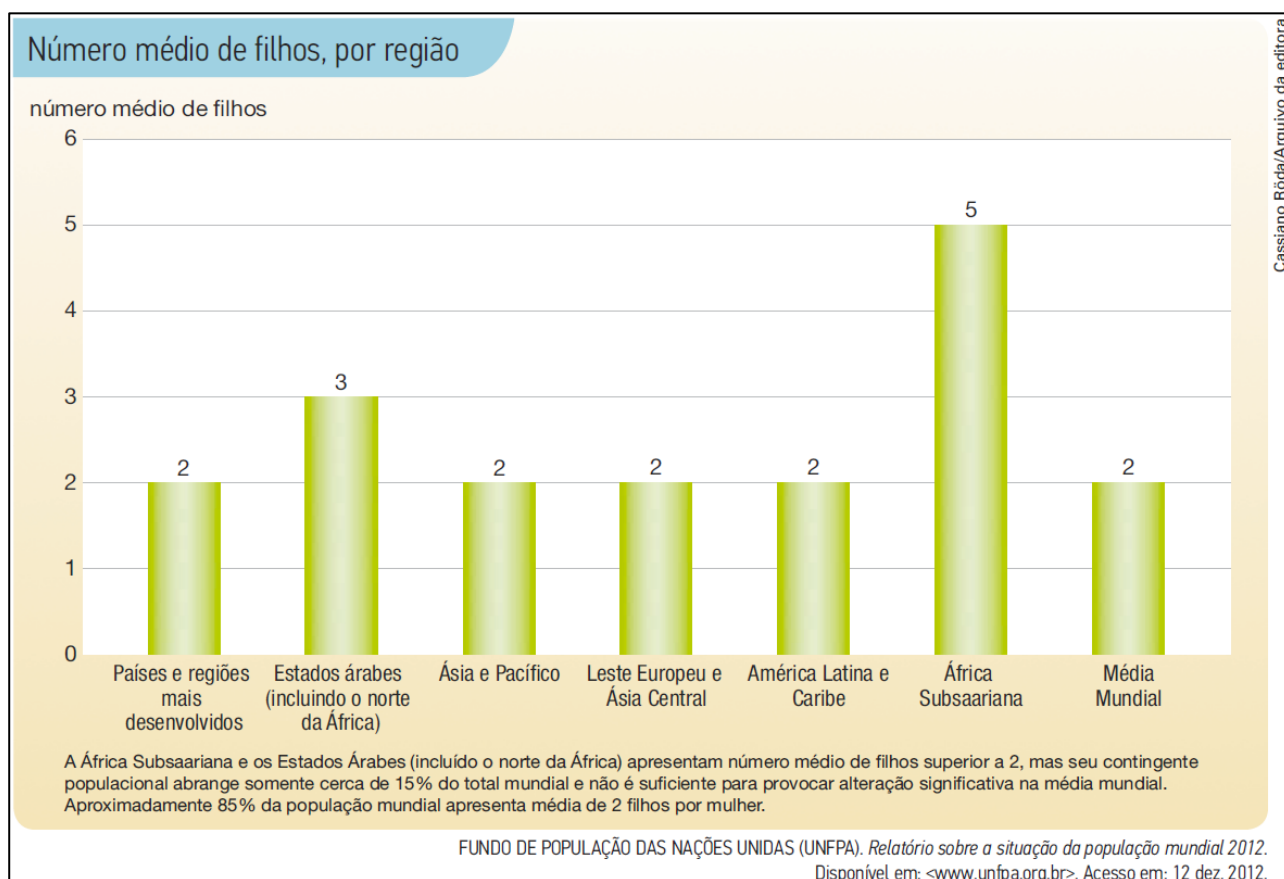
Na mesma Conferência de São Francisco, representantes dos países então chamados subdesenvolvidos elaboraram a teoria reformista, que chega a uma conclusão inversa à das duas teorias demográficas mencionadas.

Uma população jovem numerosa, em virtude de elevadas taxas de natalidade, não é causa, mas consequência do subdesenvolvimento. Em países desenvolvidos, com elevado desenvolvimento humano, o controle da natalidade ocorreu de maneira simultânea à melhoria da qualidade de vida. Além disso, os cuidados com o controle de natalidade foram passados espontaneamente de uma geração a outra à medida que foram se alterando os modos de vida e os projetos pessoais dos membros das famílias, as quais, em geral, passaram a ter menos filhos ao longo do século XX. Uma população jovem numerosa só se tornou empecilho ao desenvolvimento das atividades econômicas nos países subdesenvolvidos porque não foram realizados investimentos sociais, principalmente em educação e saúde. Mais pessoas com acesso a educação e com renda em alta significa um maior mercado consumidor, o que estimula o desenvolvimento econômico. Esse é um dos motores do elevado crescimento econômico chinês desde 1980.

A falta de investimentos em educação gerou um imenso contingente de mão de obra sem qualificação, que continuamente ingressa no mercado de trabalho, além de muitos que não conseguem uma vaga e sobrevivem do subemprego. Tal realidade tende a rebaixar o nível médio de produtividade por trabalhador, assim como os salários dos que estão empregados, e a empobrecer enormes parcelas da população desses países. É necessário o enfrentamento, em primeiro lugar, das questões sociais e econômicas para que a dinâmica demográfica entre em equilíbrio.

Para os defensores da corrente reformista, a tendência de controle espontâneo da natalidade é facilmente verificável ao se comparar a taxa de natalidade entre as famílias pobres e as de maior poder aquisitivo (veja o gráfico na próxima página). À medida que as famílias melhoram suas condições de vida – educação, assistência médica, acesso à informação, etc. – permitindo uma diversificação dos projetos pessoais de seus membros, elas tendem a ter menos filhos.

O cotidiano de milhões de famílias, principalmente nos países em desenvolvimento, transcorre em condições de extrema pobreza e a maioria não tem consciência das determinações econômicas e sociais às quais está submetida, vivendo de subempregos, em submorádias, subalimentada e sem acesso a informações e serviços de planejamento familiar. Todo indivíduo deveria ter o direito de determinar o tamanho de sua família, de escolher quando ter seus filhos e de fazer um planejamento familiar, permitindo o gozo de outros direitos, inclusive à saúde, ao ensino e a uma vida com dignidade.



Os investimentos em educação são fundamentais para as condições de trabalho e melhoria de todos os indicadores sociais. No mundo inteiro, quanto maior a escolaridade e a qualidade de vida da mulher, menores tendem a ser o número de filhos e a taxa de mortalidade infantil.

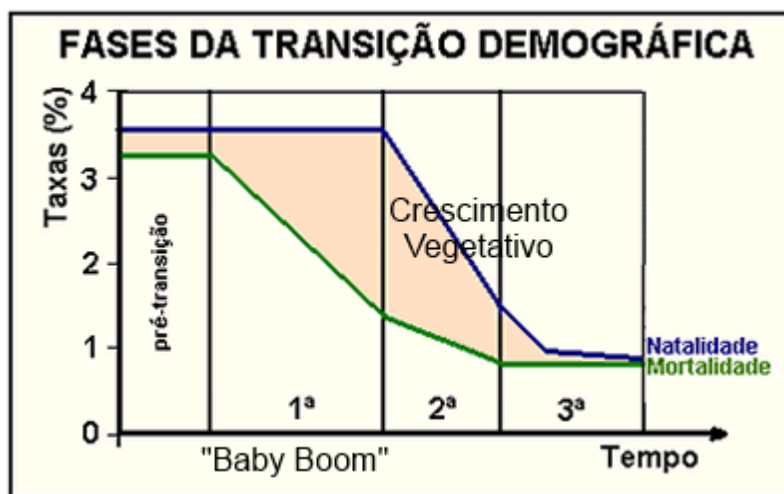


Enfim, a teoria reformista é a mais abrangente entre as três, por analisar os problemas econômicos, sociais e demográficos de forma integrada, partindo de situações concretas do dia a dia das pessoas.

## O CRESCIMENTO POPULACIONAL E A ESTRUTURA ETÁRIA

Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) mostram que a população mundial continua e continuará crescendo (embora em menor ritmo a partir das próximas décadas) a taxas relativamente elevadas até por volta de 2025. Somente em 2050 é que a taxa de crescimento populacional da população mundial irá estabilizar. Esse fato decorre daquilo que se convém chamar de transição demográfica, período no qual o crescimento de uma dada população passa por três fases fundamentais, conforme podemos observar no gráfico abaixo.

Grande parte dos países subdesenvolvidos se encontra na primeira ou segunda fase, enquanto que os países ditos desenvolvidos já completaram a transição demográfica e estão, em sua grande maioria, na terceira fase



Fases da transição demográfica

Fonte: <http://n.i.uol.com.br/licaodecasa/ensmedio/geografia/trandemo.gif>

Que tal agora conhecermos alguns detalhes sobre cada uma dessas fases?

**Pré-transição** – com elevadas taxas de natalidade e mortalidade, originando baixo crescimento vegetativo. De acordo com a história e realidade vivida por cada país ou região, isso se explica pela ocorrência de conflitos, condições precárias de trabalho, alto índice de população rural, descontrolado de epidemias.

**Primeira fase** – com elevadas taxas de natalidade e maior redução das taxas de mortalidade, acaba por resultar em um elevado crescimento vegetativo. Esse é um período chamado “Baby Boom”, quando há sensíveis melhorias na assistência médico-hospitalar e, conseqüentemente, a taxa de mortalidade infantil decresce mais rápido que a taxa de natalidade.

**Segunda Fase** – há sensível decréscimo da taxa de natalidade e redução mais gradativa e próxima da estabilização da taxa de mortalidade. Esse período tem relação com a crescente participação feminina no mercado de trabalho, a difusão de métodos contraceptivos e o maior grau de urbanização das sociedades, que se traduz pelo aumento do custo de vida.

**Terceira Fase** – com baixas taxas de natalidade e de mortalidade, resulta em um baixíssimo crescimento e até mesmo na estagnação do crescimento vegetativo. Essa seria a realidade de alguns países desenvolvidos, cuja população se tornou predominantemente adulta e idosa, com taxa de fecundidade inferior a dois filhos por mulher.

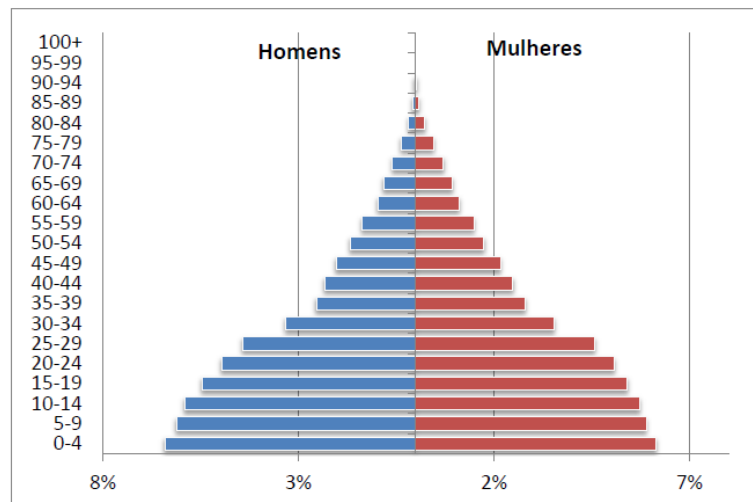
## A ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO MUNDIAL

E se pudéssemos dividir a população por faixas de idade? A análise da estrutura etária de uma população, ou seja, a distribuição de uma população por intervalos de idade – crianças, jovens, adultos e idosos – permite a compreensão do ritmo do crescimento vegetativo, que resulta da diferença entre as taxas de natalidade e mortalidade – aqueles que nasceram ou falecerem em determinado período.

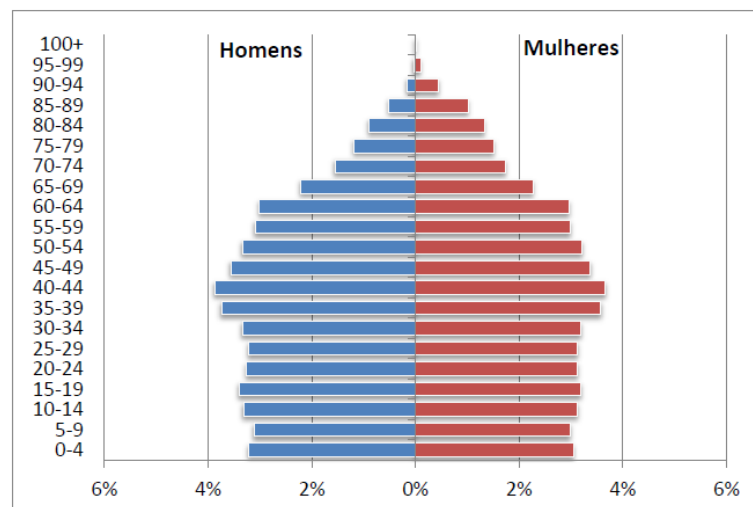
A melhor maneira de analisar a estrutura etária de uma população é a partir da interpretação de um gráfico chamado *pirâmide etária* ou *pirâmide de idades*, o qual mostra o percentual populacional de faixas etárias de quatro ou cinco anos por gênero e em relação ao número total de habitantes de um país, estado ou município.

Quanto mais largas as faixas mais próximas à base do gráfico, maior a participação percentual de crianças no total da população. Podemos também dizer que quanto maior a participação percentual de faixas próximas ao topo do gráfico, maior a expectativa de vida da população de um dado território.

Analise e compare os exemplos a seguir:



Pirâmide etária do Haiti. (9.896.000 habitantes - 2010). Fonte: [http://esa.un.org/wpp/unpp/panel\\_indicators.htm](http://esa.un.org/wpp/unpp/panel_indicators.htm)



Pirâmide etária da Noruega (4.892.000 habitantes - 2010). Fonte: [http://esa.un.org/wpp/unpp/panel\\_indicators.htm](http://esa.un.org/wpp/unpp/panel_indicators.htm)

A pirâmide etária do Haiti é bem característica da realidade dos países subdesenvolvidos. Possui base larga, em função da alta natalidade, e um estreitamento nas faixas etárias mais elevadas, em razão da baixa expectativa de vida, resultante de condições médico-sanitárias e nutricionais inóspitas. Nesse cenário, podemos dizer que a população desse grupo de países é predominantemente jovem. Isso representa maiores gastos com a educação básica e a necessidade de gerar mais postos de trabalho.

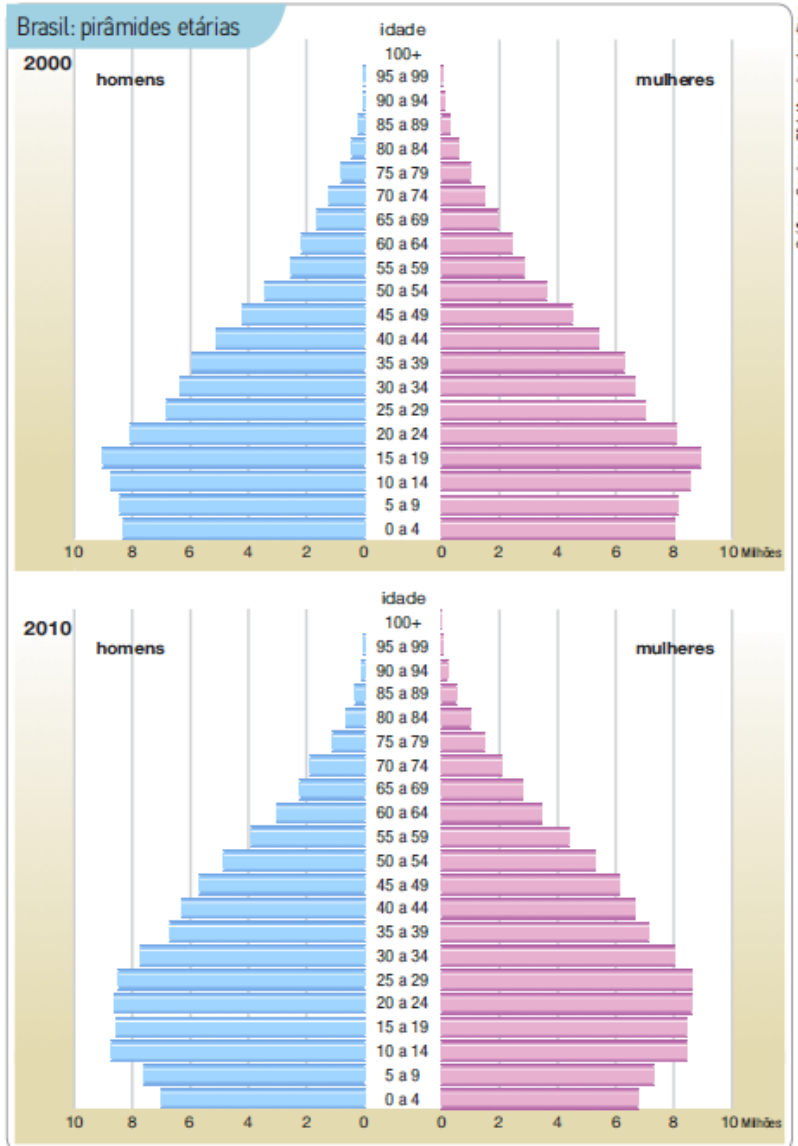
A segunda pirâmide, da Noruega, exemplifica o grupo dos chamados países desenvolvidos. Possui base estreita, indicando baixa natalidade e elevado número de adultos e idosos, o que indica uma alta expectativa de vida decorrente das boas condições dos serviços sociais essenciais.

Ainda observando a segunda pirâmide, as maiores proporções estão no meio, cuja posição representa um maior percentual da **População Economicamente Ativa (PEA)**. Predomina, nesse grupo de países, populações essencialmente adultas. O topo do gráfico apresenta faixas de idade mais largas se comparadas à outra pirâmide, o que denota uma maior expectativa de vida e um maior número de idosos. É importante lembrar que não existem apenas essas duas realidades. Há também cenários intermediários, como é o caso do Brasil.

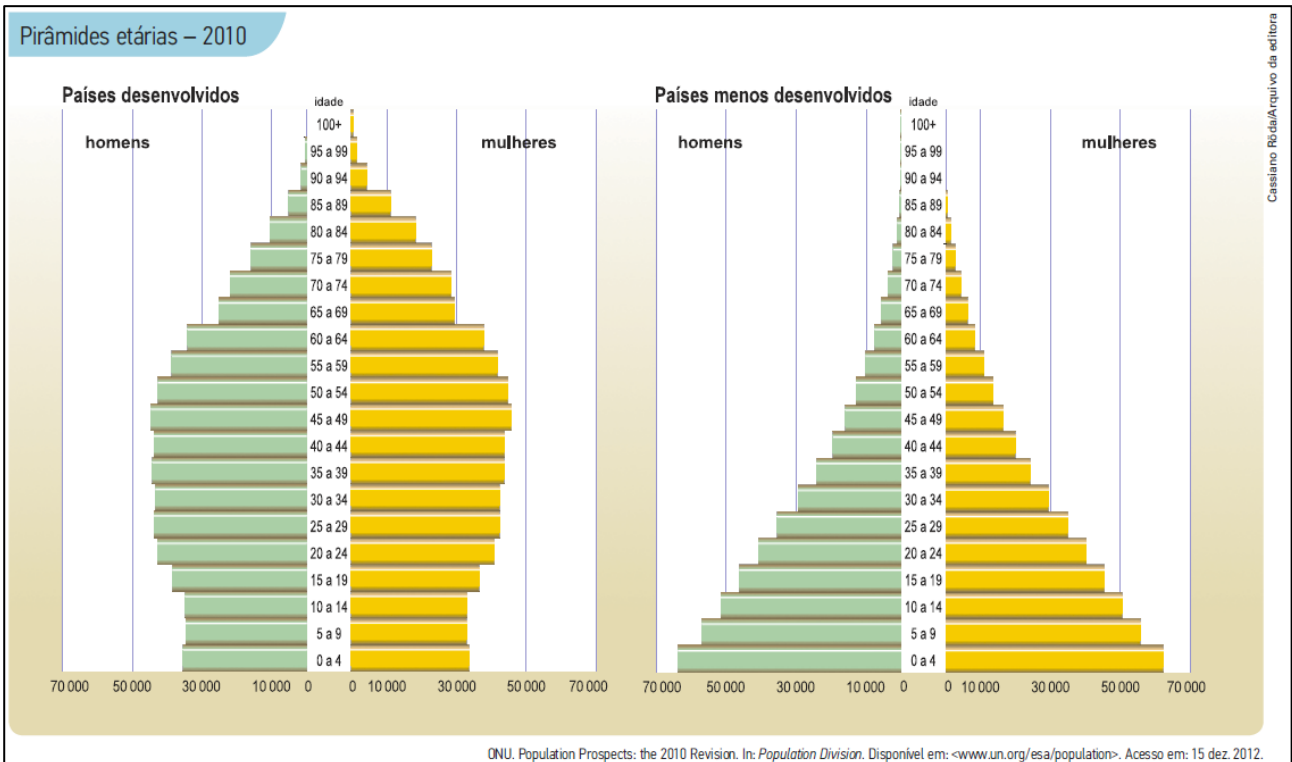
Países com elevada população idosa e reduzido número de jovens tendem a ter escassez de mão de obra e gastos excessivos com o sistema previdenciário. Os modelos previdenciários baseiam-se na contribuição dos trabalhadores ativos, que por sua vez, financiam a aposentadoria dos inativos. Quando as taxas de natalidade são muito baixas, há o temor pelo colapso dos modelos de previdência. Como solução, vários países iniciaram polêmicas reformas que consistiram basicamente: na elevação da idade de aposentadoria; na contínua contribuição previdenciária para aqueles já aposentados; no estabelecimento de um teto salarial para o trabalhador recém-aposentado. Esse é o caso de muitos países europeus e, inclusive, do Brasil atual.

## A PIRÂMIDE ETÁRIA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

O aumento da esperança de vida da população brasileira ao nascer, acompanhado da queda das taxas de natalidade e mortalidade, vêm provocando mudança na pirâmide etária brasileira. Está ocorrendo um significativo estreitamento em sua base, que corresponde aos jovens, e alargamento do meio para o topo, por causa do aumento da participação percentual de adultos e idosos. De 1992 para 2010, a participação dos menores de 10 anos na população total caiu de 22,1% para 15,2%, enquanto a das pessoas de 60 anos ou mais aumentou de 7,9% para 11%.



Adaptado de: IBGE. Censo demográfico 2010. Disponível em: <[www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/](http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/)>. Acesso em: 10 dez. 2012.



ONU. Population Prospects: the 2010 Revision. In: *Population Division*. Disponível em: <[www.un.org/esa/population/](http://www.un.org/esa/population/)>. Acesso em: 15 dez. 2012.

Se a pirâmide apresenta um aspecto triangular, o percentual de jovens no conjunto da população é alto. A base larga indica que a taxa de natalidade é alta. O topo estreito indica uma pequena participação percentual de idosos no conjunto total da população e, portanto, que a expectativa de vida é baixa. Alta taxa de natalidade e baixa expectativa de vida são características de países com menor nível de desenvolvimento. Ao contrário, se a pirâmide não apresentar grande diferença da base ao topo, podemos concluir que a população recenseada apresenta baixa taxa de natalidade e alta expectativa de vida, características de países desenvolvidos e de alguns emergentes.

## **MOVIMENTOS POPULACIONAIS**

O deslocamento de pessoas entre países, regiões, cidades, etc. é um fenômeno antigo, amplo e complexo, pois envolve as mais variadas classes sociais, culturas e religiões. Os motivos que levam a tais deslocamentos são diversos e apresentam consequências positivas e negativas, dependendo das condições e dos diferentes contextos socioeconômicos, culturais e ambientais em que ocorrem.

Existem causas religiosas, naturais, político-ideológicas, psicológicas e também as guerras, entre outras, associadas a esses movimentos populacionais. O que se verifica ao longo da História é que predominam os fatores de ordem econômica. Nas áreas de repulsão populacional, observam-se crescente desemprego, subemprego e baixos salários; já nas áreas de atração populacional, vislumbram-se melhores perspectivas de emprego e salário e, portanto, melhores condições de vida. É o caso da emigração em direção aos países-membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com destaque aos Estados Unidos, ao Canadá, ao Japão, a alguns países da Europa ocidental e à Austrália.

Os movimentos populacionais podem ser classificados em:

- voluntário – quando o movimento é livre;
- forçado – como nos casos de escravidão e de perseguição religiosa, étnica ou política;
- controlado – quando o Estado controla numérica ou ideologicamente a entrada e/ou saída de migrantes.

Qualquer deslocamento de pessoas traz consequências demográficas (o número de habitantes aumenta nas áreas de atração e diminui nas de repulsão) e culturais (influências em termos de língua, religião, culinária, arquitetura, artes e costumes em geral), que costumam ser positivas, pois ocorre a troca e o enriquecimento dos diferentes valores postos em contato.

Em 2011, segundo dados da ONU, cerca de 214 milhões de pessoas residiam fora de seu país de origem, o que supera o total da população brasileira (cerca de 190 milhões) e equivale a 3% da população mundial, percentual que duplicou desde 1970. Parte do aumento do percentual de imigrantes na população mundial está ligada, principalmente, ao desmembramento político-territorial da União Soviética (1991). Antes da fragmentação territorial havia 2,4 milhões de imigrantes na antiga superpotência; em 2000, cerca de 29 milhões de pessoas, ou 16% do total mundial, eram imigrantes em países que fizeram parte da União Soviética. Dessa forma, o desmembramento das repúblicas que a compunham em 15 países independentes provocou um aumento de quase 27 milhões de imigrantes no total mundial. Na realidade, são pessoas que moram nos países da antiga União Soviética, mas fora da nação onde nasceram. Por exemplo, há muitos russos vivendo na Ucrânia, no Cazaquistão, entre outros dos 15 países, mas sobretudo há muitas pessoas de diversas das nacionalidades que compunham a antiga superpotência vivendo na Rússia.

Os países desenvolvidos abrigam 60% dos imigrantes do planeta e, portanto, 40% residem em países em desenvolvimento. A Europa é a maior receptora de imigrantes (69,8 milhões em 2010,

segundo a ONU), seguida pela Ásia (61,3 milhões) e pela América do Norte (50 milhões). Por países, como veremos, a maior recepção de imigrantes é a dos Estados Unidos (48,2 milhões em 2010).



Quando consideramos o *espaço de deslocamento*, temos:

## MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

Ocorre quando há deslocamentos de um país para outro. O período situado entre os séculos XVIII e o início do século XX, no contexto de eclosão da *primeira e segunda revolução industrial*, foi marcado por importantes movimentos migratórios, principalmente, de saída de europeus rumo a diferentes partes do mundo, como consequência das más condições de vida e do excedente demográfico existentes nesse continente. Nesse período, iniciou-se a independência dos países americanos e o neocolonialismo em direção à África, Ásia e Oceania – eventos esses que potencializaram a migração europeia. Veja o mapa abaixo.



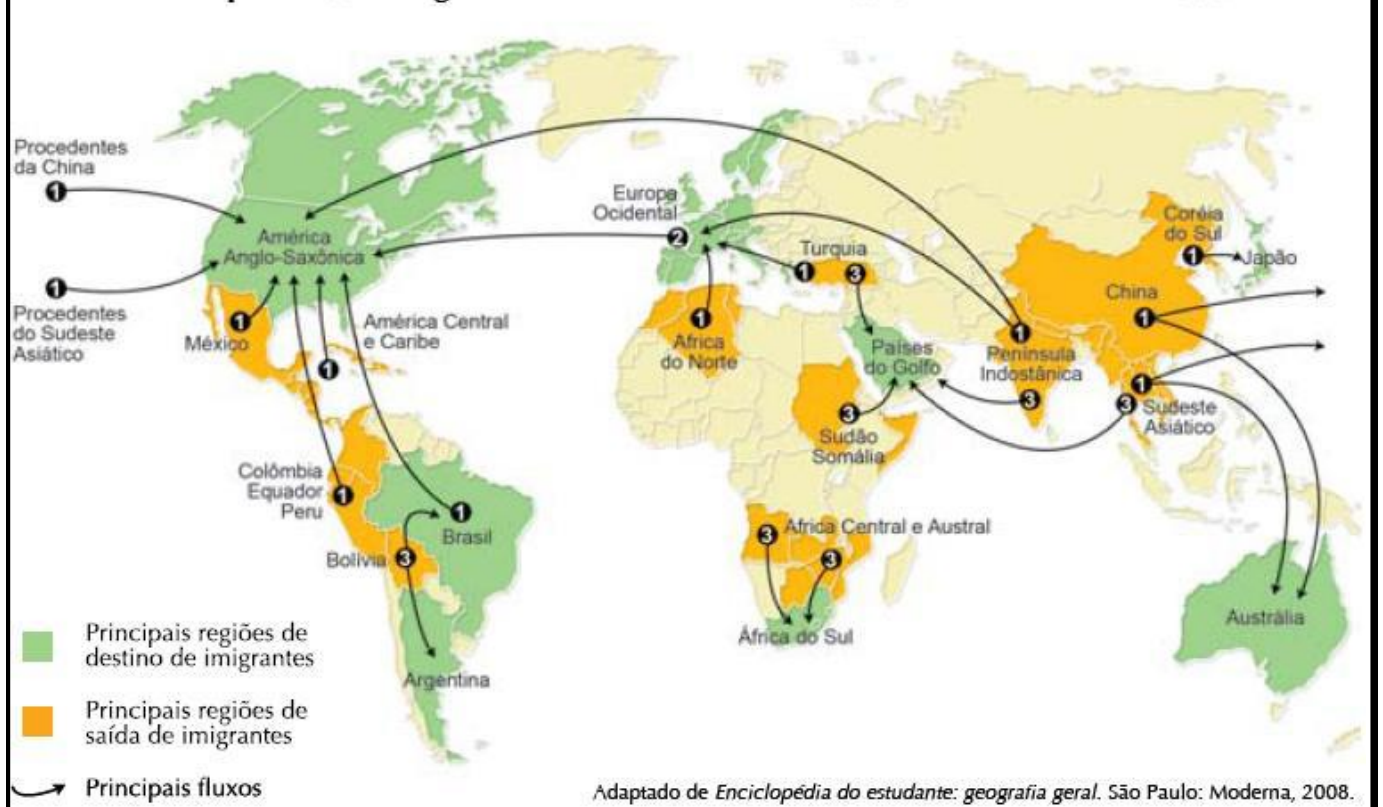
Fonte: PARKER, Geoffrey (Ed.) Atlas da História do Mundo, São Paulo: Folha de São Paulo/Times Books, 1995. p. 204

Da segunda metade do século XX para cá, percebemos uma inversão da condição anterior e acrescentamos algumas novas questões. Hoje, são os países centrais e/ou desenvolvidos com baixas taxas de natalidade e melhor estrutura econômica os principais polos de atração migratória, como os países da União Europeia.

A exceção vale para os Estados Unidos e o Japão. O primeiro sempre atraiu migrantes. Mesmo derrotado no pós-2ª Guerra Mundial (1945), o segundo passou por um surpreendente e elogiável crescimento econômico durante boa parte do século XX, tornando-se uma zona de atração migratória e um país central e desenvolvido, de fato. Austrália, Nova Zelândia e os países do Golfo Pérsico, estáveis e ricos em petróleo apresentam também expressivas correntes migratórias. Brasil e África do Sul, mesmo na condição de países em desenvolvimento, são potências regionais que exercem atração no entorno de suas regiões.

Já as zonas de repulsão da atualidade predominam em países periféricos e semiperiféricos com situação econômica pouco diversificada e/ou com altas taxas de natalidade, tal como ocorre em muitos países da América Latina, África, Ásia e Oceania. Veja abaixo o mapa dos principais fluxos migratórios da atualidade.

## Principais fluxos migratórios no final do século XX e início do século XXI



Fluxos migratórios da atualidade.

Fonte: [http://www.revista.vestibular.uerj.br/lib/spaw2/uploads/images/2009\\_disc\\_GeoQuestao\\_6.PNG](http://www.revista.vestibular.uerj.br/lib/spaw2/uploads/images/2009_disc_GeoQuestao_6.PNG)

Tendo como alvo os países centrais e/ou desenvolvidos, levas e levas de pessoas se aventuram na busca por melhores condições de vida. Essa situação resulta em algumas consequências nos países centrais, como: o acirramento da competição entre a mão de obra nacional e dos imigrantes; mudanças na legislação sobre imigrantes; incidência de movimentos políticos de caráter racista e xenófobo. Então, cientes dessas condições adversas, muitos imigrantes mantêm-se segregados e organizados em bairros onde há maior concentração de indivíduos com a mesma nacionalidade.

No entanto, um tipo de migração internacional irrestrita para os países centrais é a chamada “Brain Drain”, “migração de cérebros”, que consiste na atração de mão de obra qualificada para empresas de alta tecnologia. Nesse caso, ganha o país receptor por ampliar sua propriedade intelectual e registrar novas patentes. Perde a nação repulsora, pois se mantém carente de mão de obra qualificada e dependente de tecnologias muitas das vezes compradas por empresas que possuem o direito de uso de uma tecnologia criada por um possível cidadão que migrou.

### MIGRAÇÃO INTERNA

Ocorre dentro de um mesmo país, entre suas regiões (inter-regional) ou dentro das mesmas (intra-regional). Os principais tipos de migrações internas são os seguintes:

- Êxodo rural ou migração rural-urbana - fenômeno migratório que consiste no deslocamento de populações rurais em direção às cidades. Isso é motivado pelas péssimas condições de vida, concentração fundiária, pela mecanização do setor agropecuário e a consequente liberação de mão de obra no meio rural.



- Migração rural-rural - quando populações rurais são destituídas de seus meios de sobrevivência e passam a migrar em direção a novas fronteiras agrícolas.
- Migração urbano-rural - quando há transferência de populações urbanas para o espaço rural. O stress da vida urbana em grandes cidades pode favorecer a migração de pessoas para o meio rural, fenômeno chamado contraurbanização. Nesse tipo, incluímos também a migração de retorno de trabalhadores hoje urbanos em direção às suas regiões de origem.
- Migração urbano-urbano - deslocamento que consiste na transferência de populações de uma cidade para outra. Esse é um fenômeno muito comum nos dias atuais. Um exemplo disso é o crescimento econômico de cidades médias, que passaram a atrair populações também dos grandes centros urbanos.
- Migração pendular - tipo de migração característica de grandes cidades e regiões metropolitanas, nas quais centenas ou milhares de trabalhadores saem todas as manhãs de suas casas (em determinada cidade) em direção ao trabalho (que pode estar localizado em outro município), retornando ao final do dia.

**Quanto ao tempo de permanência do migrante, podemos citar dois tipos:**

- Migração definitiva - situação na qual o migrante passa a se fixar definitivamente na região de interesse. Exemplo: a chegada de europeus nas regiões Sul e Sudeste do Brasil no século XIX.
- Migração temporária - situação na qual o migrante se estabelece temporariamente em uma dada região, podendo voltar para o local de origem ou se deslocar para outra região com nova oferta de trabalho temporário. Exemplo: trabalhadores ligados à colheita de cana-de-açúcar e laranja no interior do estado de São Paulo. Outro exemplo que merece uma nota é o deslocamento sazonal de pastores e rebanhos para locais que oferecem melhores condições durante uma parte do ano, fenômeno conhecido como transumância.

**Quanto ao contexto ou forma em que a migração foi motivada, destacam-se dois grupos:**

- Migração espontânea - quando indivíduos migram espontaneamente para outra região, seja por motivo econômico, político ou cultural. Exemplo: a ida de brasileiros para o Paraguai em busca de terras baratas para o plantio de soja em moldes agroindustriais, os chamados brasiguaios.
- Migração forçada - quando indivíduos são obrigados a migrar de seu lugar de origem em função de catástrofes naturais ou perseguições políticas, raciais ou religiosas. Exemplo: os refugiados de guerra sírios distribuídos nos territórios da Turquia e Jordânia e mais recentemente na Europa.